

**A PAISAGEM E A IMAGEM DA CIDADE: A POPULAÇÃO
INDÍGENA DA CIDADE DE MANÁOS NO SEGUNDO QUARTEL
DO SÉCULO XIX**

**LANDSCAPE AND THE CITY IMAGE: INDIGENOUS
POPULATION OF MANÁOS IN THE SECOND HALF OF THE
NINETEENTH CENTURY**

Bruno Miranda Braga*

RESUMO

O artigo apresenta uma análise em que insere os grupos indígenas, seus saberes e seus fazeres durante a segunda parte do século XIX, na cidade de Manaus uma cidade que vivenciou ao longo deste período um surto modernizador e embelezador propiciado pela exploração da *Hevea Brasilienses*, da seringueira da qual se extraía a goma elástica, matéria prima para a produção de materiais de plástico. Pretende-se apresentar que mesmo contrariando o discurso de então, havia indígenas na cidade de então e os mesmos figuram em muitos relatos de viajantes que passaram no período pela cidade, e destacaram sua presença em diferentes sociabilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Manáos; Cotidiano; Indígena; Viajantes.

ABSTRACT

The paper presents an analysis which inserts indigenous groups, their knowledge and their achievements during the second half of the nineteenth century, in the city of Manaus which was experiencing over this period a modernizing and beautifying spurt fueled by the exploitation of *Hevea Brasilienses*, the rubber tree from which it draws the elastic gum, raw material for the production of plastic materials. We intend to present that even opposing the current discourse there were Indigenous people in the town then and are present in many reports of travelers who have passed by the city at that time thus highlighting their presence in different sociabilities.

KEYWORDS: City; Manáos; Everyday life; Indigenous people; Travelers.

Introdução: Antecedentes à Belle Époque manauara: uma cidade indígena.

A belle époque constitui-se de um período que se inicia na segunda metade do século XIX, ou seja, em 1850 ou, convencionalmente, no decurso desta segunda metade do XIX, com a reurbanização de Paris pelo Barão de Haussmann (DAOU, 2004). A vida feliz e alegre das nações enriquecidas será parte do discurso construído sobre esse período. Belle Époque é um momento histórico onde a visão progressista assume papel primordial em todos os setores das atividades humanas, nesse momento, o homem

* Mestrando em História Social no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas PPGH/UFAM. Linha de Pesquisa: Cultura e Representação. Integrante do Projeto de Cooperação Acadêmica PROCAD/CAPES desenvolvendo atividades acadêmicas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - CAPES. E-mail: brunomirandahistor@hotmail.com.

acredita que tudo pode alcançar, tudo pode fazer. Marcado pela profunda arrogância das nações europeias que enriqueceram pela exploração imperialista de suas colônias nas Américas, na África ou na Ásia, a Europa vai ostentar o orgulho da civilização e será a partir dessa pompa e crença, bem como pelo discurso progressista que a Belle Époque se cristalizará como momento de grande euforia à medida que nas artes, se destacarão o *Can-Can*, o *Art Nouveau*, as festas e alegrias dos banquetes e bailes franceses, a vida boêmia da noite. Nesse período, Manaus ainda não tinha sofrido o surto de urbanização pela qual passaria. Em 1862, Manaus não passava de uma pequena vila, pouco povoada, pouco organizada e pouco urbanizada, como vemos nas imagens seguintes, extraídas do livro de Auguste François Biard, que foi um naturalista e pintor francês que percorreu todo o Império do Brasil pintando. Inicialmente pintou retratos da Família Imperial no Rio de Janeiro, de lá passou pela Província do Espírito Santo, chegando na Amazônia, na Cidade de Belém, capital da Província do Pará, e até Manaus, onde apresentou um pouco do cotidiano de então. De Manaós partiu para a região do Madeira, e, de lá regressou à Belém para então retornar a Europa em 1859. De suas anotações, em 1862, foi publicado em Paris o livro *Deux années au Brésil*, que contém rico acervo iconográfico das terras brasileiras do período (BIARD, 1862). Porém, tais ilustrações são de autoria do seu colaborador Edouard Riou que o acompanhou em viagem. Por não ter formação de um naturalista, sua obra teve pouca relevância científica. As imagens que seguem, apresentam um olhar sobre a paisagem da cidade no início da segunda metade do século XIX.

Figura 1: *La forêt près de Manaos*

(Floresta perto de Manaos)

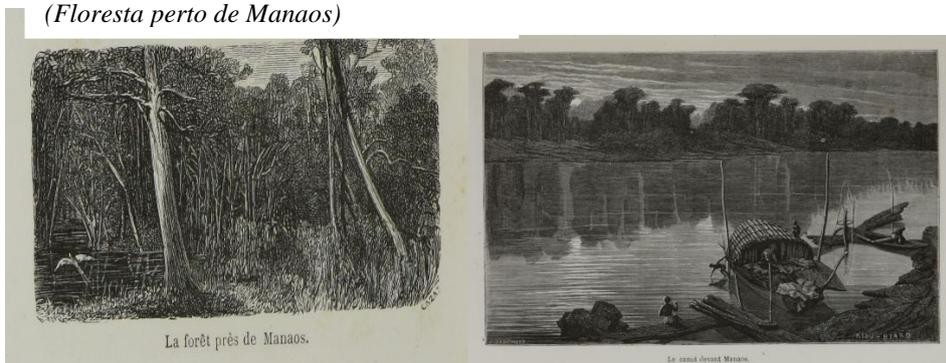


Figura 2: *Le canot devant Manaos* (Canoa em Manaus)

Fonte: BIARD, Auguste François

Nelas, vemos a paisagem, a Geografia da cidade de Manáos, uma cidade pequena, cercada por florestas típicas de sua localização, rios caudalosos, canoas como meios de transporte, tudo isso era normal e corriqueiro na sociabilidade local, a ponto de até mesmo os próprios estrangeiros viajantes que por aqui passaram, se imbuírem nessas atividades como dormir em redes, banhar-se em igarapés, alimentar-se de frutos e peixes exóticos de então.

O povo de São José da Barra, cheios de adornos e miçangas indígenas. A Paisagem de Manáos há 150 anos

Diversos viajantes naturalistas percorreram o vale amazônico, descrevendo seus rios, fauna e flora, geografia e etnografia. Entre 1848 e 1860, o francês Paul Marcoy viajou e explorou o Alto e Baixo Amazonas. O mesmo, assim descreveu a então Barra do Rio Negro:

A cidade moderna em que acabamos de chegar é chamada pelos brasileiros A Barra do Rio Negro. Situa-se a leste da fortaleza, a cerca de mil passos geométricos do sitio de Manáos. Ela está constituída numa superfície tão irregular que chega a ter morrinhos mais altos do que os telhados das casas, o que seria pitoresco se não fosse absurdo. Uma longa avenida, larga e ondulada, estreitada aqui e acolá por muros desalinhados e sacadas proeminentes, corta a cidade de norte a sul. Algumas vielas saem desta rua em direção ao leste. Enquanto a oeste há uma série de grandes espaços vazios. Três riachos providos de passarelas serpenteiam pela cidade e servem de docas e estaleiros para a sua flotilha mercantil. Pequenas escunas, chalupas e canoas cobertas estão em reparo, aguardam algum carregamento ou se abrigam das trovoadas, essas tempestades brasileiras que assolam o baixo Amazonas e cuja influência é sentida muitas léguas acima pelo rio Negro(MARCOY, 2001, p. 167).

Com este excerto temos uma provável visão de Manaus há 150 anos. A vila era formada em um espaço com geografia difícil, igarapés cortavam-na por todos os lados, o relevo era alto com grandes elevações de planaltos e morros. Entendemos *paisagem* como uma primeira visão que um sujeito tem com os lugares, ambientes, ‘isto é, com as maneiras pelas quais seus sentidos se apropriam das sensações, mas, ainda, elas não possuem um sentido próprio. É, em outras palavras, o contato com a aparência dos lugares’ (SANTOS, 2007). Para Milton Santos,

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em

relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (1997, p. 37).

A paisagem considera sempre de um processo de associação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, é básica sem ser totalizante, resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados, de formas e práticas. A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, “invisível”, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade. Sendo assim, a paisagem, destacada pelo viajante, constitui-se de uma visão preliminar, algo de imediato, e algo que estava presente à vista de todos que aqui chegassem. Porém, essa cidade já começava a despertar o interesse e o apreço por costumes vindos de locais externos, devido ao grande fluxo de viajantes e, principalmente, comerciantes que passavam pela Barra. Nesse mesmo período, Marcoy nos diz que a vila é habitada por três mil almas, dois terços das quais constituem a população permanente e os demais a temporária. O número de casas é avaliado em 147. (2001, p.168) Apenas três mil habitantes e 147 casas, vale destacar aqui como se compunha essa população, em sua **maioria índios e mamelucos**.

Lourenço da Silva Araújo e Amazonas (1984) nos informa que, em 1852, Manaus possuía 8.500 habitantes, ou seja, poucos anos após a descrição de Marcoy podemos perceber que houve um crescimento populacional, se os dados forem confiáveis. Destes 8.500 moradores, **4.080 eram índios, 2.500 mamelucos**, 900 brancos, 640 mestiços e 380 escravos destaca Lourenço Amazonas.

Apesar do que possa ter dito do arranjo geométrico da cidade da Barra, do sobe e desce da sua rua principal e da sua grama amarela, é, porém verdade que o aspecto da cidade dá uma impressão agradável a qualquer um que, como nós, entra nela depois de uma prolongada viagem pelos povoados do alto Amazonas onde a barbárie ainda reina. [...] (2001, p. 169).

Vemos como a Barra do Rio Negro tentara se despir de tudo que lembrara outrora, em que era Fortaleza de São José. O viajante estabelece uma comparação com cunho evolutivo e classificatório que destaca a paisagem da Barra em detrimento das demais localidades por onde Marcoy explorou. Neste momento e em todo o século XIX, a ideia de evolução esteve em voga baseando características humanas, sociais e culturais a uma teoria das ciências naturais e biológica, denominada Darwinismo ou Teoria da

Evolução que no meio das ciências humanas e sociais, ganhou uma vertente denominada Darwinismo Social e com o avanço da Escola Positivista tivera repercussão e aceitação no meio acadêmico. Pela fala do viajante, percebemos um tom que enfatiza essa visão em que vê nos costumes tipicamente indígenas latentes em outras localidades no Vale Amazônico como um reino de barbárie e a Barra que apesar de sua topografia e geografia difíceis já se encontra num “estágio de superioridade” se comparada ao restante do Amazonas. Mas o viajante faz questão de salientar e descrever as “*paisagens notáveis*” presentes no perímetro urbano da cidade, que segundo o mesmo:

Em contrapartida à pobreza da floresta que a cerca, Barra oferece aos amantes da natureza algumas paisagens notáveis. Entre elas há duas que chamam atenção pelas características diametralmente opostas. Dedicaremos-lhes algumas linhas para poupar outros viajantes o trabalho de procurá-los. A primeira dessas paisagens é dominada, como de um observatório natural, pela sacada de madeira da igreja Nossa Senhora dos Remédios, uma modesta capela coberta de palha localizada em campo aberto e a leste da Barra. Deste sítio relativamente elevado à vista alcança, de um lado a outro as casas da cidade, seus quintais, áreas e pequenas hortas, as docas fluviais, as pontes de madeira, os barcos parados e a relva verde das orlas ribeirinhas, a norte, a leste e ao sul a mata rodeia tudo como um paredão e a oeste, entre dois morros, vê-se um amplo trecho do rio Negro parecendo um pedaço de mármore preto incrustado num mosaico.

A Segunda vista é alcançada da colina da antiga fortaleza em ruínas. Menos rica em detalhes do que a primeira, ela a supera na grandeza de seus traços e na majestade do conjunto. Compõe-se de uma única curva do rio Negro, de umas três léguas de comprimento e uma largura, limitada de norte a sul por uma estreita praia e por uma barreira vegetal. Ao pôr do sol esse cenário, um único lençol de água preta, sem um sopro de ar que encrespe sua superfície ou um pássaro que lhe dê movimento, ganha um aspecto estranho, quase sobrenatural; poderia-se pensar que uma mortalha foi estendida sobre os mortos que habitam essa parte do lugar (2001, p.p., 172, 173).

Neste trecho, Marcoy nos expõe sua visão idílica das paisagens presentes na cidade. Reitero que entendo paisagem como o contato com as aparências do lugar, logo na perspectiva do viajante, a cidade mesmo distante da dita barbárie, preserva em seu interior e entorno elementos naturais os quais Marcoy desfruta como se fosse um paraíso verde, uma sinfonia natural quase onírica se não fosse ocorrente. Porém, nesta fala visualizamos notas de como a cidade se apresentava¹. Vale destacar que a verdade

¹ Segundo o próprio Paul Marcoy, “[...] Não resta nada que mostre o traçado da antiga Manáos. Igreja, casas, laranjeiras, tudo se desfez no pó e nem sequer as sementes de laranjeiras germinaram no lugar que essas árvores haviam embelezado. Pode-se, porém reconhecer o sítio que a cidade ocupou por certos orifícios circulares espalhados pelo chão até os muros da fortaleza. Essas cavidades são sepulcros. Em alguns deles ainda se vêem os vasos de barro, inteiros ou quebrados, em que os Manáos colocavam seus mortos. [...]” p.166. Logo acreditamos que havia uma força para destruir tudo que remeteria a Antiga

do viajante Marcoy assim como de quase todos os que por aqui passaram, é uma realidade exótica, uma representação veiculada à um discurso específico aquilo que era diferente de sua terra natal pois, eles narravam àquilo que lhes chamava a atenção constituindo-se suas falas como visões de algo que era comum a população local, mas estranho para eles. Podemos acreditar que além do discurso modernizador e evolucionista da época, as vivências dos viajantes somam-se aos aparelhos que mudarão ou tentarão mudar as características da cidade quer sejam culturais, quer geográficas e topográficas.

Outros viajantes, já apostavam que Manaus logo seria um importante centro comercial e cultural também. Louis e Elisabeth Agassiz, um casal que viajava a serviço dos Estados Unidos, em 1866, assim apontara um futuro para Manaus.

Que poderei dizer da cidade de Manaus? É um pequeno aglomerado de casa, metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara Legislativa, Correios, Alfândega, Presidência. Entretanto, a situação da cidade, na junção do Rio Negro, do Amazonas, e do Solimões, foi das mais felizes na escolha. *Insignificante hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação.* Mas quando na imensa vastidão de terras cobertas ainda por florestas impenetráveis, nas consideráveis dificuldades que impedem a criação de povoações nessa região - insetos, clima, comunicações difíceis – parece bem longe o dia em que embarcações a vapor venham circular dos seus portos aos do Mississipi e em que todas as nações do globo venham buscar a sua parcela dos ricos produtos desta bacia (AGASSIZ; AGASSIZ, 1975, p. 127. *Grifos meus*).

Com esse relato, sentimos um misto de hesitações e ideias pelo casal Agassiz. Em sua descrição, Manaus é citada como uma cidade sem as mínimas condições de urbanidade e em completo desleixo urbano.

Louis Agassiz chefiou a expedição científica norte-americana que visitou o Brasil no período 1865-1866. Dessa expedição, composta de umas quinze pessoas e financiada por Nathaniel Thayer, participou também, Elisabeth Cary Agassiz, que registrou, dia a dia, o ocorrido com todos. Os elementos para a confecção de seu registro eram fornecidos diariamente, pelo naturalista. Esse diário, com pequenas modificações, é que foi publicado, mais tarde, por Louis e Elisabeth Cary.

Fortaleza, ligada ao atraso, incivil, bárbara, índia, isso na segunda metade do século XIX, fica latente à medida que a modernidade avança como veremos um pouco neste artigo. Haverá muitas permanências daquilo que se pretendia esquecer ou apagar.

Em seu diário de viagens, encontramos versões de como a cidade e seus habitantes estavam inseridos num cotidiano peculiar. As próprias elites da cidade apresentavam em seus hábitos, elementos que ainda se filiavam aos costumes indígenas, muito presente na cidade no Império e em todo o oitocentos.

Figura 03: *Maison du président de Manaus* (Casa do Presidente de Manáos)



Fonte: BIARD, Auguste François, 1798-1882²

A gravura acima que representa a Casa do Presidente da Província do Amazonas, em 1862, ilustra o posicionamento do casal Agassiz que passará quatro anos mais tarde pela cidade e, possivelmente encontraram a cidade no mesmo estado, e, seus edifícios públicos na mesma situação. Agora voltemos nossa atenção a paisagem de Manáos em 1862 a partir da imagem acima: uma cidade com vegetação tropical latente, ruas sem aplainamentos e sem asfaltos ou pavimentações, e, a referida casa do então presidente da província, as margens do rio, sem grandes ornamentos. A cidade, apresenta pela fotografia poucos transeuntes, canoas, que eram o principal meio de transporte de então, e uma ponte de madeira. O interessante nisso tudo é a permanência, a foto é de 1862, Louis e Elisabeth Agassiz, passam por aqui em 1866, e, se deparam com uma cidade que lhe causa grande muito espanto.

² Esta imagem está presente na obra: *Deux années au Brésil*. Local de Publicação: Paris: *Librairie de L. Hachette et C.* Ano de Publicação: 1862. Descrição Física: 1 grav. pb; gravura em madeira, dimensões da grav.: 11,2 x 16,3 cm em f. 24,0 x 15,0 cm; dimensões da imagem: 2269 x 1547 pixels; 300 dpi (resolução) Idioma: Francês. Encontra-se no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/002856-098>. Acesso em 01 de agosto de 2014.

A decoração de seus prédios públicos causa riso em Elisabeth e Louis a ponto de os mesmos enfatizarem que a única coisa positiva da cidade é sua posição geográfica que poderá leva-la a ser um importante centro comercial.

Figura 04: *Une rue de Manaos* (Uma rua de Manaus)



Fonte: BIARD, Auguste François, 1798-1882

Outro ponto é o fato da população residente em Manáos ser pequena e a mesma possuir uma população transeunte maior que a fixa, pois o casal de viajantes sugere estar longe o dia em que uma população numerosa irá se fixar na cidade. Um terceiro ponto que faço destaque é a espécie de grande loteamento da cidade que o casal aponta “*todas as nações do globo venham buscar a sua parcela*”, é como se os recursos naturais da cidade e de seu entorno não fosse usado pela sua população permanente.

Enquanto se discutiam todas essas questões, e se anteviam os tempos em sobre as margens do Amazonas, florescerá uma população mais ativa e vigorosa do que aquela que até agora aí tem vivido, - em que todas as nações do globo terão sua parte nessas riquezas - em que dois continentes gêmeos andarão de mãos dadas, o americano do Norte ajudando o do Sul, tanto quanto de Leste a Oeste, conduzindo pequenos vapores até às nascentes de todos os tributários, - enquanto assim se faziam cogitações, aproximávamo-nos da meta do nosso passeio (1975, p. 161).

Na visão do casal Agassiz, em Manaus, “*a natureza estava pronta, mas seu habitante não*” (COSTA, 2000, p. 242). O seu habitante não estava preparado devido a sua raça e sua cor. Essa visão perdurou por muito tempo³.

³Os registros possuem uma visão instigante e aguçante. Percebemos nos seus descritos o cotidiano da população local. Podemos perceber etnocentrismo em suas falas. Antônio Emílio Morga, na obra “*Nos Subúrbios do Desejo: masculinidade e Sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no Século XIX*” (Manaus, EDUA, 2009), nos diz que ao vivenciarem o cotidiano da população, “*os viajantes foram partícipes na construção das práticas de sociabilidade entre eles e a comunidade*” (p. 30), em Manaus

Os habitantes da cidade da Barra do Rio Negro dedicaram-se basicamente ao comércio, sendo de cunho atacadista ou varejista, segundo relatos do período. A sociabilidade de Manaus ocorria em constante sintonia. Marcoy (2001, p.169) diz que apesar de toda a geografia peculiar da cidade da Barra, a cidade dava uma impressão agradável e nela, segundo o viajante, não existia ou pouco reinava a barbárie que imperava em outras localidades dispersas pelo Rio Amazonas e nos afirma que:

Ela deve o título de capital da província, que lhe foi dado pelas estatísticas, às suas casas com sacadas, à sua flotilha multicolorida e à atividade comercial de que é centro. Esse título também explica e justifica a abundância de uniformes e trajes que se observa ao entrar na cidade. A *adoção da moda francesa* pelas pessoas abastadas, o *uso de verdadeiras camisas pelos índios* no lugar das camisetas usadas nos povoados de rio acima, permitem facilmente perceber que deixamos para trás a barbárie e estamos num daqueles canais chamados capitais, onde se unem todas as correntes geográficas, intelectuais, políticas e comerciais do país (2001, p.169).

Aqui, temos um exemplo bem claro de como a modernidade estava se apoderando de Manaus: os índios passam a usar trajes requeridos pela sociedade da época, a ponto do viajante os diferenciar dos outros da região Amazônica pois ser moderno é “*autotransformação e transformação das coisas ao seu redor*”. Berman (1986, p.15) nos diz que a experiência ambiental da modernidade rompe qualquer fronteira geográfica. Mesmo Manaus estando bem distante da França, foi inevitável ser transformada aos moldes franceses. A modernidade também, “une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (1986, p.15).

A modernidade em Manaus modificará não apenas a geografia, e o traçado urbano, porém tentará alterar o estilo de vida e a sociabilidade da população local, quer seja a nativa ou a estrangeira, aquela que veio residir nesta cidade, porém essas mudanças se darão de forma híbrida haverá muitas resistências políticas e muitas práticas serão ressignificadas, pois o nativo preza a sua cultura. Vale destacar a velocidade, a rapidez com que as transformações acontecem. Cito como exemplo o nome da cidade: segundo Otoni Mesquita, (2006, p.29)“em 1848, a vila de Manaus foi promovida a cidade, passando a denominar-se cidade da Barra do Rio Negro [...]”.

acontece algo parecido à medida que tais viajantes irão praticar hábitos que são característicos da cultura nativa, mesmo classificando a cultura local como inferior a sua.

Em 1848, a cidade é Barra do Rio Negro, em menos de dez anos, no ano de 1856, a Lei Nº 68 de 4 de setembro de 1856, muda o nome da Cidade da Barra do Rio Negro para o de Cidade de Manaus (Coleção das Leis da Província do Amazonas – tomo v, Parte 1^a).Então, num período curto, na perspectiva de Fernand Braudel (1989), no tempo do evento, a cidade muda seu nome e iniciará a mudar também suas feições, isso é o limiar da belle époque manauara, uma vez que:

A modernidade em Manaus não só substitui a madeira pelo ferro, o barro pela alvenaria, a palha pela telha, o igarapé pela avenida, a carroça pelos bondes elétricos, a iluminação a gás pela luz elétrica, mas também *destrói a paisagem natural*, destrói antigos costumes e tradições, civiliza índios transformando-os em trabalhadores urbanos, dinamiza o comércio, expande a navegação, desenvolve a imigração. É a modernidade que chega ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo (DIAS, 2007, p. 29).

Essa visão da historiadora Edineia Mascarenhas é bem alusiva ao processo de modernização pelo qual passou a cidade de Manaus. Atentemos para as formas de mudanças e substituições vindas com a modernidade, trata-se de transformações físicas, geográficas, habituais, culturais. Mas acredito que houve permanências históricas, bem como resistências e uma forte combinação, ou seja, um hibridismo cultural, pois os moradores nativos, não lançaram mão completamente de sua cultura, e fizeram astúcias, para prosseguirem com seus fazeres.

Michel de Certeau, teórico francês, estabeleceu uma análise sobre o cotidiano. Para ele, a construção do cotidiano dá-se por meio de dois tipos de produção

[...] a produção expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 2012, p. 39).

Assim, como citei a pouco que os índios já usavam camisas, essa transformação agiu dentro da lógica dos limites ditados por outros. Mas as formas de utilização destas normas não foram lineares, muito menos utilizadas em sua forma propriamente dita, isso é o que Certeau chama de tática, e a tática age na lógica do poder dominante, não há sangue, não há guerra, há uma “aceitação” que será ressignificada por quem irá reutilizá-la.

Segundo Barreto, (2010, p. 71)“o cotidiano é o local no qual se elaboram as táticas e estratégias de sobrevivência, isto é, onde se elaboram as práticas sociais”. Logo as permanências e as resistências constituem o cotidiano. Em Manáos, por exemplo, eram comuns e permaneceu o hábito dos banhos em igarapés, mesmo sendo visto como algo bárbaro, feio. Esse hábito chegou a ser praticado por diversas pessoas que não eram nativas. Paulo Marcoy, o viajante escreve:

Durante a minha estada na Barra, os meus dias foram conscienciosamente divididos entre *trabalhos, banhos, siestas e passeios*. A casa em que eu morava não tinha outra mobília além de uma mesa de madeira rústica e uma rede que me servia de cama e de poltrona; em compensação era tranquila e nenhum ruído incômodo me perturbava o descanso ou sono. De manhã e à tarde eu descia ao rio para me lavar e contemplar a sua vasta extensão de água, preta como o ébano, límpida como o cristal e sempre um espetáculo magnífico [...] (2001, p.p. 169, 170).

Vemos a sensação do viajante perante a Cidade, sua Geografia, cultura e gente. Era como estar num “paraíso perdido”, num lugar onde a vida e, seu ritmo era escolhido pelas pessoas. É uma visão romântica, alegórica, que demonstra um profundo sentimento de diferença, se comparado ao mundo europeu, onde possivelmente pouco desfrutava de tais recursos.

Ou seja, há um hibridismo⁴, uma mestiçagem onde uma cultura adquire e passa a usar elementos característicos de outra cultura. Assim como os índios passaram a usar camisas, os estrangeiros, como o viajante acima citado, passaram a agir com algumas características que são elementares a cultura indígena. Tomar banho diariamente no mundo “branco” era coisa de libertinos de imorais imundos; já no meio dos índios o banho diário é um costume que é utilizado como forma precisa de se refrescar em meio ao calor do clima tropical. Nessa fala também observamos dois outros elementos tipicamente da cultura indígena: a rede e a sesta. A rede foi utilizada pelo viajante como cama e poltrona, pois sua presença era comum em diversas residências dos membros da elite local. Outro ponto era a *siesta*, a sesta⁵, que constitui àquela hora após o almoço que se descansa. No mundo europeu, branco, para muitos dormir à luz do dia era coisa de ociosos e preguiçosos, e esses eram considerados pela

⁴ Hibridismo Cultural é entendido como um aglutinamento de práticas culturais sem domínio ou ascendência de uma cultura sobre a outra. Peter Burke, sugere que a produção cultural, envolve uma mestiçagem onde as culturas se entrelaçam e caminham em conjunto as práticas culturais, consciente ou não.

⁵Embora seja uma prática comum em algumas localidades da Europa, como na Espanha e até mesmo em Portugal, a *Siesta* é intensa até na atualidade nos trópicos da América do Sul, constituindo ainda hoje um elemento cultural em alguns pontos.

mentalidade cristã como pecadores e ninguém gostaria de ser pecador. Porém aqui, a prática da sesta era uma realidade que se intensificou com a cultura nativa, mas foi praticada também pela sociedade citadina.

O casal Louis e Elisabeth Agassiz também se deliciou nos caudalosos lagos e igarapés que cortavam o perímetro urbano de Manáos, e, em sua estada nos dizem que um dia,

[...]. Desembarcamos aí e, entrando por entre as árvores numa trilha estreita que margeia o igarapé, atingimos as “banheiras”, como aqui são chamadas. Nunca uma floresta proporcionou a Diana e suas ninfas banhos mais atraentes e bem sombreados. Grandes árvores os cercam de todos os lados; longas cortinas de vegetação os separam uns dos outros, formando numerosas bacias isoladas e discretas, onde a água, de frescor delicioso, saltando de piscina em piscina, vai caindo de uma para outra em pequenas cascatas. Enquanto a cheia do rio, na época das chuvas, não vem inundar e cobrir, por seis meses, essas Ternas da floresta, os habitantes de Manaus fazem delas o maior uso; *nós mesmos não resistimos ao prazer de mergulhar nessa água que atrai*[...] (1975, p. 158, grifos meus).

O interessante dos relatos desses viajantes aqui citados é que mesmo opondo-se a tudo que acreditavam ser correto e civilizado, eles atuaram como partícipes de tais práticas e, mesmo vivendo numa espécie de fuga, pois no mundo civilizado ao qual frequentavam tais feitos seriam motivos de ofensa e incivilidade, eles fizeram desses momentos coisas oportunas ao seu bem estar, agraciando-se com esses momentos. Numa outra fala, Elisabeth Agassiz, conversa com umas mulheres índias e encanta-se com sua liberdade, e estabelece uma analogia entre as índias e as ditas brancas em suas palavras

No correr da conversa, torno a ver um traço de costumes cuja singularidade me impressiona cada vez mais, tanto é geral, à medida que se prolonga nossa estada na Amazônia. Eis pessoas de respeitável condição, embora de sangue índio, acima de serem necessitadas, vivendo com facilidade e, relativamente ao seu meio, quase ricas; pessoas entre as quais, por conseguinte, se esperaria encontrar o conhecimento das leis mais simples da moral. [...] Apesar de tudo, a vida dessas índias me parece invejável quando a comparo à das mulheres brasileiras das pequenas cidades e vilas do Amazonas. *A índia tem o exercício salutar e o movimento ao ar livre; conduz sua piroga no lago ou no rio, ou percorre as trilhas da floresta; vai e vem livremente; tem suas ocupações de cada dia; cuida da casa e dos filhos, prepara a farinha e a tapioca, seca e enrola o fumo, enquanto os homens vão pescar ou caçar; tem finalmente seus dias de festa para alegrar sua vida de trabalho.* Pelo contrário, é impossível imaginar coisa mais triste e mais monótona do que a existência da senhora brasileira dos pequenos centros. Nas províncias do Norte, principalmente, as velhas tradições portuguesas sobre a clausura das mulheres ainda prevalece [...] (1975, p.p. 165, 167, grifos meus).

Com isso, vemos mais uma vez como se dava a sociabilidade entre os índios, que habitavam Manáos, nesse momento. Muito distante da realidade estrangeira que tentara se implantar entre eles. Por isso, o índio luta e resiste⁶ para que suas práticas sejam preservadas. Na belle époque, será constante na vida da cidade ver elementos oriundos na cultura indígena sendo praticados em Manáos. Caberá aos meios públicos tentarem romper com essas práticas que, como veremos faziam parte da paisagem cidadina. O próprio casal Agassiz assim descreve como o elemento indígena era presente na sociabilidade de Manáos quando num passeio em,

18 de novembro- É impossível passear fora da cidade, em qualquer direção, sem observar um traço característico dos habitantes da terra e de seus costumes. Esta manhã, por volta das sete horas, dava eu o meu passeio habitual pela floresta vizinha de nossa casa, à beira de um igarapé, teatro habitual de todas as casas da vida exterior. Ai se reúnem os pescadores, as lavadeiras, os banhistas, os aparadores de tartarugas. Quando eu voltava pelo pequeno caminho que margeia o riacho, dois índios moços, nus, trepados num tronco de árvore que atravessava horizontalmente a correnteza caçavam peixes a arco e flecha: de pé, imóveis como estátuas de bronze, o olho à espreita, numa atitude ao mesmo tempo cheia de graça e força, o arco retesado e prestes a disparar a flecha logo que a presa aparecesse. Essa gente tem maravilhosa destreza em tais exercícios, e não é menos hábil em soprar, no comprido tubo da zarabatana, a curta e leve ponta de caniço que vai ferir a ave no galho. É a melhor arma para estas florestas espessas; o estampido de um tiro assusta a caça, que foge, e, depois de descarregar duas ou três vezes a sua arma, o caçador encontra as matas inteiramente desertas. O índio, porém, se esgueira a passos furtivos até o lugar favorável e, com silenciosa respiração, atira a sua flecha com tanta precisão que o macaco ou a ave caem por terra sem que os animais próximos percebam a causa de seu desaparecimento. Enquanto eu observava os dois jovens índios, uma piroga remada por mulheres subiu a correnteza, carregada de frutas e legumes, em cima dos quais se encarapitaram dois periquitos de brilhante cor verde. Duas dessas mulheres eram velhas horrendas, de formas secas e fanadas, como o são as pessoas dessa raça no declínio da vida; a terceira era a índia mais elegante que já vi, e tinha, sem dúvida, algumas gotas de sangue branco nas veias, pois sua cor era mais delicada e os seus traços mais regulares do que costumam ser entre os índios [...] (1975, p. 195).

Reitero que os viajantes também participaram das práticas indígenas da cidade, pois era comum. Vemos nesse excerto uma linguagem peculiar, com termos tipicamente indígenas presentes no cotidiano citadino ao ponto de viajantes estrangeiros fazerem uso em seus relatos desses termos e, com essa cena descrita pelo casal Agassiz, temos uma imagem da presença indígena na sociabilidade cidadina, onde fazeres e os próprios tipos indígenas estavam convivendo com uma nova composição social e étnica.

⁶ Aqui, as práticas foram modificadas, ressignificadas por sobrevivência. A resistência que me refiro é política, pois a cultura não é uma característica fixa e intransferível.

Mas isso precisava mudar, Manáos precisava deixar de ser uma Tapera, para ser uma cidade civilizada, moderna, ampla. Para isso era preciso mudar radicalmente a fisionomia da cidade, sua geografia, seus prédios públicos, pois com a belle époque:

É a pequena aldeia que se transforma em grande urbe. A transformação da aldeia em uma cidade moderna representa a destruição de todo e qualquer vestígio que lembre Manaus como o antigo Lugar da Barra do Rio Negro. A nova capital tem suas funções comerciais e administrativas ampliadas com as atribuições que assume como capital nacional a borracha. Em pouco tempo, a atividade comercial ganha vulto, entendendo os homens públicos que o comércio é o grande responsável pelo progresso econômico [...] (2007, p. 42).

Com a descoberta das seringueiras, árvores produtoras da goma elástica, o vale amazônico ganha notoriedade nacional e cobiça internacional. Lembramos agora das palavras do casal Agassiz: “insignificante hoje, Manaus se tornará um grande centro de comércio e navegação...” chegou à belle époque amazônica, Manauara especificamente, que coincide com o que a historiografia convencional local denomina “período áureo da borracha”.

A borracha foi sem dúvida um material do progresso, participando da produção dos mais modernos bens industriais, expressivos dos avanços da técnica e do domínio da natureza pelo homem. Foi também o veículo do progresso material das elites amazônicas, proporcionando-lhes uma inserção particular na dinâmica das trocas materiais e simbólicas. [...] – o látex da seringueira, este “dom da natureza”, então monopolizado pela produção amazônica que os conectava, afinal, com o que havia de mais expressivo das conquistas do século XIX. [...] (2004, p. 21).

Sim, uma espécie nativa, rural, a seringueira, *Hevea Brasiliensis*, foi a grande proporcionadora da reurbanização pela qual passou a cidade. Na belle époque, a expansão urbanística só foi possível graças à expansão agrária. A reurbanização de várias cidades brasileiras evidencia isso com bastante clareza: São Paulo cultiva o café, juntamente com o Rio de Janeiro, Santos. Belém do Pará e Manaus se reurbanizaram à custa da produção gomífera. De acordo com fontes da historiadora Edinea Mascarenhas (2007, p. 33), nos anos 70 do século XIX, a cidade começou a passar por modificações, porém, em 1890, a cidade ainda mostrará muito da antiga urbe citada pelos viajantes, e sua geografia ainda será composta de muitos igarapés cortando suas vias, e, certamente os hábitos e costumes também estarão presentes na medida em que o governo através de meios legais, tentará romper de vez com a Manáos indígena e sua forma de aldeia e impor a todo custo a Manáos Cidade Luz na selva.

A população de Manáos compunha-se como já disse em sua maior parte de índios e mamelucos. Os brancos em sua maioria eram ou descendiam de portugueses. Os índios também tinham certo prestígio e participavam de certas convenções e práticas da sociabilidade. Elisabeth Agassiz narra uma situação em que vemos a presença indígena num momento bem peculiar: um jantar com a presença de autoridades locais e, do próprio Presidente de Província e, conforme a viajante,

Enquanto jantávamos, começaram a chegar índios das florestas próximas para apresentarem suas homenagens ao Presidente. [...]. As pobres mulheres se sentiam esqueladas e embaraçadas; mal ousavam tocar nas lindas coisas colocadas diante delas. Por fim, um dos cavalheiros servidores, que muito tempo vivera entre os índios e conhecia seus costumes, tomou das mãos de uma delas o garfo e faca e exclamou: *“Nada de cerimônias! Fora o acanhamento! Comam com as mãos, como estão acostumadas e encontrarão com o apetite, o prazer da mesa!”* Este discurso foi muito apreciado; as damas se puseram logo à vontade e fizeram honra aos pratos. *Os índios que vivem na vizinhança das cidades conhecem o uso da civilização e sabem muito bem o que são talheres, mas nenhum deles gosta de usá-los se os puder dispensar*(1975, p.p. 162, 163, grifos meus).

Nesta cena, a viajante mostra a presença dos indígenas na cidade e em sua sociabilidade, os índios da cidade segundo a viajante conhecem a civilização, porém se puderem não fazem uso de tais práticas. A historiadora Simone Villanova (2011, p. 140) nos mostra que em Manaus como em outras cidades e províncias, a preferência pelos lazeres considerados não civilizados era comum e rotineiro. Acredito que alguns fazeres também eram preferíveis para alguns. Na narrativa de Elisabeth Cary, um cavalheiro que segundo a viajante vivera muito tempo nas tribos indígenas concedeu a liberdade de os comerem sem fazer uso dos talheres; para a época, isso seria uma deselegância extrema, mas podemos crer que este cavalheiro, assim como muitos outros ali presentes utilizaram a presença dos indígenas ali para ficarem mais à vontade ao se pôr a mesa. Outro ponto a destacar é que Elisabeth afirma que os índios que residem próximo a cidades e em seu interior conhecem a civilização, mas se puderem isentam-se de exercer essas práticas, podemos ver nisso uma “resistência” ao mundo do civilizado, onde os índios dispensavam o uso dos talheres mesmo sabendo fazer uso deles, cremos que certamente acontecia o mesmo com a elite cidadina.

Com o crescimento dos números da borracha e sua supervalorização, a composição estrangeira veio a reconfigurar-se. Agora, além de portugueses, havia franceses, italianos, sírio-libaneses, japoneses e ingleses em grande escala. Manáos, mais do que nunca, precisava deixar de ser uma aldeia e correr para se tornar Paris, uma

cidade moderna que exalasse civilidade, o primeiro ímpeto era romper a cultura indígena, presente nas casas, nos prédios públicos, na paisagem e nos trabalhadores.

Para a cidade ser ressignificada, se tornar uma cidade ideal, seus habitantes também devem ser ressignificados, reconfigurados, pois tornara-se imperativo trazer novos hábitos e incuti-los em seus habitantes. Manáos precisará passar por uma completa ressignificação e é claro apresentar-se como Cidade e não uma Aldeia tribal. Caberá ao poder público tentar romper de vez com a “cultura indígena”, porém como veremos haverá muitas práticas indígenas no cotidiano cidadão. Era preciso evidenciar uma nova cultura, mais branca, estrangeira e incutir novos modos na cidade. E a forma encontrada, foi a de invisibilizar, esconder as populações e os costumes indígenas tão latentes no cotidiano da cidade.

Considerações Finais

Podemos visualizar que durante o alvorecer da chamada belle époque, existia em Manáos, dois cenários particulares que em seu interior guardam muitas histórias de sobrevivência e destruição. Temos a Manáos Paris, do luxo, da exuberância, do Teatro Amazonas, das Praças e Palacetes em estilo francês seja rococó ou *art nouveau*, mas essa situação de fausto e alegria não foi para todos. Há também, a Manáos Aldeia, onde demasiada quantidade de artífices e matrizes da identidade indígena, lutavam para sobreviver sem despir-se da sua cultura.

Com a existência de duas realidades, não de uma verdade absoluta, pois a realidade é sempre complexa, múltipla, multifacetada, em Manáos houve um forte hibridismo cultural, onde a cultura branca, adotou hábitos nativos como dormir em redes, comer peixes e frutas nativas, tomar banhos diários, dentre outras, assim como índios também fizeram uso de costumes brancos, como andar vestidos, calçados, adoção da língua portuguesa, até a conversão ao cristianismo, porém sem abrir mão de sua cultura como almejavam os membros da elite, mas utilizando a cultura branca a seu estilo, fazendo uso das práticas de sobrevivência.

Vemos como o discurso sempre tendeu a expelir o índio da cidade, porém ele bravamente resistiu e lutou para conquistar seu espaço, que constituiu-se do local onde se dá significados através das relações, com a cidade tornando-se cada vez mais alva, era imperativo que se “escondesse” seu passado de tapera e se firmasse sua transformação em grande urbe. Percebe-se, que nas entrelinhas, o governo queria

eliminar o pobre, de forma geral, mas aqui, pobre, era aquele que não se esforçava, nem estava nos parâmetros de civilização propostos.

Pelo discurso dos viajantes, percebemos uma cidade de tez indígena, onde seus fazeres e seus saberes eram predominantemente indígenas. Acreditamos que essas práticas são unilaterais e permaneceram como hábitos culturais constituintes da cidade até nossos dias!

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Louis. AGASSIZ, Elisabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Trad. de João Etienne Filho. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo e. (1852). *Dicionário Topográfico, Histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Recife. Meira Henrique Nova – Edição Fac-similar; Manaus: Associação Comercial do Amazonas – ACA – 1984. (Coleção Hiléia Amazônia, “1”).

BARRETO, Cristiane Manique. “De como cabeçuda dos Pescadores, transformou-se num espaço de sociabilidades das Elites Itajaienses (SC) nas primeiras décadas do século XX”. *Revista Científica Clio-UNINORTE: História em Perspectivas*. Manaus: UNINORTE/LUAREATE, 2010.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Toratti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BIARD, François Auguste. *Deux années au Brésil*, Hachette, Paris, 1862.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano 01: Artes de Fazer*. Trad. de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ; Vozes, 2012.

COLLEÇÃO DAS LEIS DA PROVÍNCIA DO AMAZONAS – Tomo V, parte 1ª – LEI Nº 68, de 04 de Setembro de 1856. Manáos, 1856 – ACERVO: BIBLIOTECA DO IGHA.

COSTA, Hideraldo Lima da. *Amazônia: Paraíso dos Naturalistas*. In: *Amazônia em cadernos*. Manaus: EDUA nº 06, 2000.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.

MARCOY, Paul. *Viagem pelo Rio Amazonas*. Trad. de Antônio Porro. Manaus. Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

MESQUITA, Otoni. *Manaus História e Arquitetura (1852-1910)*. 3. ed. Manaus: Editora Valer / Prefeitura de Manaus / UNINORTE, 2006.

MORGA, Antônio Emílio. *Nos Subúrbios do Desejo: masculinidade e Sociabilidade em Nossa Senhora do Desterro no Século XIX*. Manaus: EDUA, 2009.

SANTOS, Douglas. *O que é Geografia?* Apostilado, 2007.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

VILLANOVA, Simone. Pescas, Piqueniques, Banhos, a Cultura e os Lazerres Locais no olhar dos viajantes do século XIX. In: CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz.

NORONHA, Nelson Matos de. (Orgs.). *A Amazônia dos Viajantes: História e Ciência*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

Recebido em: 22/08/2015
Aprovado em: 24/11/2015